

OFICINAS DIDÁTICAS COMO FORMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA CRIANÇAS: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO

***Jislaine Samara MENDES*¹; Natália Miranda GOULART¹; Karina Mayra de Barros ALBUQUERQUE²; Jefferson Felipe RIBEIRO³; Rafael César Bolleli FARIA⁴**

RESUMO

O artigo descreve o funcionamento das oficinas, bem como alguns relatos das experiências e resultados de suas avaliações feitas por alunos sobre a proposta metodológica apresentada. O trabalho apresentou oficinas como ferramentas didáticas voltadas para atividades relacionadas à Educação Ambiental. Foi possível observar que a metodologia utilizada facilitou o aprendizado, pois os alunos não comportaram-se somente como agentes passivos recebedores de informações, mas sim ativos por descobrirem e explorarem o meio ambiente, além de ações de reciclagem e saúde pública.

INTRODUÇÃO

Educação Ambiental (EA) se liga à questão da perturbação dos equilíbrios ecológicos (e dos desgastes da natureza) e à educação. Ambas as questões são consideradas como desafios vitais para a prática da EA, na medida em que resultam de um modelo de desenvolvimento socioeconômico caracterizado pelo olhar negligente sobre a realidade, pela fragmentação do conhecimento e das questões culturais (TRISTÃO, 2005).

As atividades que envolvem temas relacionados à Educação Ambiental necessitam ocorrer de forma que os alunos sejam convidados a participarem ativamente da construção do próprio conhecimento, descobrindo os sentidos e os sabores do saber, de maneira a possibilitar a prática reflexiva acerca dos novos conhecimentos que lhes são apresentados. Entretanto, segundo Gouveia (2006), para que isso ocorra, a EA deve reunir não apenas a capacidade de superar desafios que nos são cotidianamente apresentados no mundo moderno, mas

¹ Alunas do Curso de Tecnologia em Gestão Ambiental do IFSULDEMINAS-Câmpus Inconfidentes.

² Aluna do Curso Técnico em Meio Ambiente do Polo de Ouro-Fino do IFSULDEMINAS-Câmpus Inconfidentes.

³ Aluno do Curso de Técnico Integrado em Informática do IFSULDEMINAS-Câmpus Inconfidentes.

⁴ Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IFSULDEMINAS-Câmpus Inconfidentes.
rafael.bolleli@ifsuldeminas.edu.br

também reconhecer que atitudes da sociedade podem inspirar e motivar os educandos.

A pesquisa e a ação educativa ambiental buscam e produzem conhecimentos metodológicos. Dentre as metodologias para a ação educativa ambiental algumas possibilidades pedagógicas tem se destacado de forma que em uma perspectiva de educação crítica, transformadora e emancipatória, os temas ambientais não podem ser conteúdos curriculares pautados em um tratamento tradicional de transmissão de conhecimentos pré-estabelecidos. Essa educação com potencial crítico e transformador exige que os conhecimentos acerca dos temas ambientais sejam construídos de forma dinâmica, coletiva, cooperativa, contínua, interdisciplinar, democrática e participativa, contribuindo para a consolidação de uma prática social emancipatória, condição essencial para a o estabelecimento de sociedades sustentáveis (TOZONI-REIS, 2006).

O exercício da participação em diferentes instâncias, principalmente em espaços não-formais é fundamental para que os alunos possam integrar o que foi apreendido à sua realidade. A possibilidade do aluno interagir no ambiente extra-escolar é uma ótima possibilidade ao trabalho em EA, no qual permite ao aluno ser agente ativo na ação, como também possa observar “in loco” o ambiente.

Diante desse contexto, as oficinas e as atividades lúdicas aparecem como excelentes oportunidades de mediar à construção do conhecimento, aproximando de forma motivadora os alunos do conhecimento historicamente e/ou cientificamente constituído, já que o lúdico é eminentemente cultural (DE CAMPOS JÚNIOR, 2009).

O objetivo do trabalho foi de elaborar e desenvolver atividades interdisciplinares referentes à Educação Ambiental, propiciando aos alunos do Ensino Fundamental um conhecimento interdisciplinar, contextualizado, possibilitando-lhes um aprendizado unificador da teoria com a prática. A pesquisa-ação aconteceu por meio de oficinas dos conceitos: biodiversidade; reciclagem; compostagem e dengue por alunos do ensino público das cidades de Borda da Mata/MG e Pouso Alegre/MG.

MATERIAL E MÉTODOS

As atividades foram desenvolvidas na Fazenda-Escola do Campus Inconfidentes do IFSULDEMINAS. A cidade de Inconfidentes localiza-se a 869

metros de altitude e seu clima é tropical de altitude, com média anual de 18°C. No Sul de Minas, o município é cortado pelo Rio Mogi-Guaçu, o qual é o principal curso d'água. Em sua vegetação encontramos diversos tipos fitofisionômicos diferentes, permeando os domínios da Mata Atlântica.

Os espaços de trabalho utilizados foram o Museu de História Natural “Professor Laércio Loures”, o Laboratório de Zoologia e uma “Trilha Ecológica” de aproximadamente 600m, sinalizada com fita preto e amarela. Em cada espaço citado foi realizada uma oficina com a metodologia pesquisa-ação.

Caminho Metodológico

Para a realização das oficinas separamos os alunos em grupos pequenos, para assim todos possam receber auxílio. As oficinas foram realizadas com média de 10 participantes, totalizando no máximo 40 alunos com duração média de 40 minutos/oficina, totalizando 2 horas de atividades por Escola. As escolas contempladas, foram escolas públicas que possuem o Ensino Fundamental, alunos do 6º e 7º ano, respeitando o número máximo de alunos. As escolas participantes foram: Escola Estadual Lauro Afonso Megale (Borda da Mata) e Escola Estadual Dr. José Marques Oliveira (Pouso Alegre).

Oficinas

Para superar o caráter informativo em busca de uma educação preocupada com a formação do sujeito ecológico, foram abordados os temas ambientais com contextualização local como ponto de partida para a negociação dos assuntos abordados nas oficinas. As três oficinas aconteceram ao mesmo tempo, assim nenhum grupo de alunos ficou sem atividade na visita a Fazenda-Escola.

Oficina: Percepção no Museu de História Natural

O museu possui mais de 120 animais taxidermizados, as crianças acompanharam as explicações sobre o museu e os animais, além disso, houve o momento para tirar dúvidas a respeito das características de cada animal do complexo, além do processo de taxidermia. Durante toda a visita, foi feita uma avaliação participativa sobre os aspectos e as curiosidades em relação ao habitat natural e hábitos alimentares - de peixes, aves, mamíferos, répteis e anfíbios – na concepção de construir um conhecimento e esclarecer as dúvidas.

Oficina: horta em garrafa PET

A oficina horta em garrafa PET, abordou questões como: O que é uma horta? Para que serve? O que se pode plantar nela? Ela é importante para nós, por quê.

Foi realizada uma abordagem de conceitos como: meio ambiente, água, morfologia e fisiologia de plantas e a sua importância para o meio ambiente e para a manutenção da saúde e da nutrição humana. Tal abordagem ocorreu de forma dinâmica e condizente com a faixa etária dos alunos.

Os recursos necessários para a realização da oficina foram: garrafas PET, terra, regadores, pás de jardim, tesoura e fita adesiva, mudas de hortaliças e matéria orgânica (húmus).

Oficina: “Trilha Ecológica”

Inicialmente a “Trilha Ecológica” foi demarcada com fita sinalizadora preta e amarela em uma área já estabelecida devido à presença de ação antrópica. Os alunos foram previamente sensibilizados: no sentido da biodiversidade da mata atlântica, a importância da manutenção da flora e fauna, antes de adentrarem na trilha. Após prepará-los para o trabalho, fizemos uma rápida exposição das atividades a serem realizadas durante a trilha, dos objetivos que se pretendem alcançar. O estudo dos pontos pré-determinados: bosque implantado de árvores nativas, inclusive frutíferas (representantes da mata atlântica); bosque de árvores exóticas (*Eucalyptus sp*, *Pinus sp*, *Cupressus sp*); áreas degradadas como erosão e remanescentes de ecossistemas originais de mata de Atlântica.

Durante a trajetória, observamos a vegetação e os animais existentes nos pontos (principalmente insetos e aves), analisamos a importância da mata para aquele ecossistema no que diz respeito às suas funções ecológicas como: a cadeia alimentar, sempre colocando o ser humano como parte do ecossistema; a arborização, com enfoque na morfologia vegetal; e a interação entre os seres vivos.

Oficina: armadilha para o mosquito da dengue

A armadilha/mosquiteira serve para capturar o mosquito, evitando que ele pique as pessoas e transmita o vírus da dengue, e também serve para identificar focos do mosquito. Para construir uma armadilha, necessitamos dos seguintes objetos: garrafa pet, tela para mosquiteira, alpiste e tesoura. Após a confecção da armadilha foi colado um adesivo símbolo do combate ao mosquito da dengue para lembrar da prevenção e da limpeza do local.

Avaliações das oficinas

O reconhecimento do trabalho da visita e oficinas foi feito por meio de questionário semiestruturado aplicado aos professores acompanhantes e alunos, além das análises sobre as percepções e relatos dos alunos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após análise das questões do pré-teste respondidas pelos alunos, no que se refere à definição do termo meio ambiente, percebe-se que cerca de 5% dos alunos o souberam definir corretamente, 70% mostraram uma definição parcial (ambientes da natureza - 40%, ações ambientais - 20%, ambientes humanos - 10%) e 25% simplesmente não responderam à pergunta. Se aproximadamente 80% do alunado já participaram de projetos ligados ao meio ambiente, conforme uma das perguntas da diagnose sócio-cultural deveria, portanto, estarem cientes da definição completa do termo: ambiente humano, mais ações ambientais, mais ambientes naturais. Porém, os dados mostram o contrário. No pós-teste, observou-se que cerca de 25% dos alunos relacionaram o termo a ambientes da natureza, 15% ligadas às ações ambientais, 55% definiram integralmente o termo meio ambiente e 5% não responderam à pergunta. Com relação à definição ligada a ambientes humanos, não houve percentual. A partir desta pergunta, percebe-se um aumento na porcentagem de alunos que assimilaram o conhecimento, internalizando a holística do que é meio ambiente, sendo necessária para o desenvolvimento de práticas ambientais.

Além disso, podemos observar que por meio do projeto as crianças estimularam a sua criatividade na elaboração da sua horta com garrafa PET e na criação das armadilhas para o mosquito *Aedes aegypti*, seu senso de exploração e participação nas oficinas da Trilha ecológica e visita ao museu. Além disso, através dessa metodologia onde as crianças têm contato direto com o ambiente de uma forma diferente, vemos a necessidade desse projeto ampliar as suas fronteiras atingindo as famílias, preferencialmente os pais das crianças, para que os mesmos mudem certas concepções errôneas que fazem do ambiente, e dessa maneira passem a incentivar as crianças com relação à natureza.

Com a aplicação do projeto pode-se comprovar a importância de trabalhar em espaços não-formais para transmissão de valores adquiridos pela vivência do ambiente como retrata Elali (2003):

“projetos desenvolvidos fora do espaço escolar, seja ele qual for, são atrativos e despertam a curiosidade dos alunos. Assim, os alunos ampliam sua visão ambiental e melhoram sua conduta de forma a ter uma boa convivência com meio ambiente”.

Os principais relatos dos alunos durante e após as oficinas foram agrupados dentro as seguintes ações: a importância da conservação da biodiversidade, evitar o

corte das árvores, não caçar, a disposição correta do lixo, como também à visão que o homem não é centro da natureza, mas sim um agente participativo do meio ambiente.

CONCLUSÕES

Nesse sentido, a proposta metodológica de utilização de oficinas práticas, não como um recurso didático oferecedor de conceitos prontos aos alunos, mas como metodologia motivadora capaz de gerar reflexões, sensibilizações, discussão e de re/negociar significados e representações acerca da Educação Ambiental valorizaram a atividade intelectual dos alunos, a criatividade, estimulando a compreensão e principalmente a sensibilização dos temas propostos.

A partir do trabalho realizado, sugerimos que os trabalhos voltados à Educação Ambiental devem ser tomados como geradores de reflexões acerca da interação do homem com o ambiente, valorizando a realidade local e o cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE CAMPOS JÚNIOR, E.O.; PEREIRA, B.B.; LUIZ, D.P.; MOREIRA-NETO, J.F.; BONETTI, A.M.; KERR, W.E. Sistema sanguíneo sem mistério: uma proposta alternativa. **Genética na escola**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, p-07-09, mar/mar. 2009

ELALI, G. A. 2003. O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil. **Estudos de Psicologia** 2003, 8(2), 309-319.

GOUVEIA, G.R.R. Rumos da formação de professores para a educação ambiental. **Educar em Revista**. Curitiba, n.27, p-163-179, jan/jun. 2006.

TOZONI-REIS, M.F.C. Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. **Educar em Revista**. Curitiba, n.27, p.93-110, jan/jun. 2006.

TRISTÃO, M. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensamento e o vivido. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.2, p-251-264. Mai/ago.2005.